



IMPORTÂNCIA DA SEMANA DA ARTE MODERNA PARA A ARQUITETURA BRASILEIRA

BAIOCO, Alanna¹
FIORENTIN, Isabella.²
KRÜGER, Gabriela.³
OSS, Aline.⁴
DOS ANJOS, Marcelo França.⁵

RESUMO

O presente artigo busca abarcar as análises da Semana de Arte Moderna de 22 pautando seu aspecto histórico e sociocultural da época. A semana de Arte Moderna sem dúvida se apresenta num contexto de inquietação quanto a arte puramente brasileira, que até então não se mencionava este assunto. Escritores, arquitetos, compositores, artistas, pintores, entre outros, se uniram com o objetivo de romper com a arte vinda da Europa e criar uma identidade própria para a arte brasileira, onde, segundo seus integrantes, faltava o nacionalismo brasileiro. Apesar de não ter apresentado influências diretas na arquitetura durante o evento, obteve grande importância a longo prazo onde observa-se um novo caráter inovador que traz consigo diversas novas possibilidades para a arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE: Semana da arte moderna, Modernismo, 1922, Arte Brasileira, Arquitetura e Urbanismo

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca fundamentar a Semana da Arte Moderna de 1922, pela primeira vez mostra a inquietação dos brasileiros quanto à arte vinda da Europa e a busca de uma identidade nacional brasileira, foi inaugurada em 13 de fevereiro de 1922 e pode-se dizer que atingiu seu objetivo por ter chocado a população da época.

O artigo está introduzido dentro da matéria de arquitetura brasileira: século XX, buscando compreender a relação da Semana de Arte Moderna com a arquitetura e urbanismo, além de assimilar análises com o contexto histórico e sociocultural da época.

Como justificativa busca-se a relevância da Semana de 22 na análise crítica dentro da arquitetura e urbanismo, afim de encontrar as reais relações e influências entre os novos conceitos de arte moderna e como tiveram influência na arquitetura nos anos seguintes.

A problemática do artigo, pretende compreender como a Semana de Arte Moderna influenciou o modernismo trazendo características nacionais para a arquitetura brasileira. O objetivo

¹ Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: alannabaioco@hotmail.com

² Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: isabella_fiorentin@hotmail.com

³ Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail:

⁴ Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: aline_oss@hotmail.com

⁵ Professor orientador da presente pesquisa. E-mail: anjos@fag.edu.br

geral do artigo procura alcançar através de pesquisa bibliográfica, a influência da Semana de 22, evento que marcou o início do modernismo. Como complementos, os objetivos específicos visam, esclarecer seus contextos históricos e socioculturais na qual a Semana foi inaugurada procurando assimilar seus motivos pela que justifiquem a necessidade encontrada para tal, analisar a primeira casa moderna construída no Brasil e analisar a Igreja São Francisco de Assis na Pampulha.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O INÍCIO DA SEMANA DE 22

Antes de analisarmos a respeito da semana de arte moderna é preciso situar o movimento neocolonial, movimento artístico anterior ao modernismo, segundo Santos (2006, p. 41) o neocolonialismo chegou a seu ápice no Brasil na cidade do Rio de Janeiro em meados da década de 20, menciona ainda que foi através do patrocínio do médico José Mariano Filho, presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes, que arquitetos brasileiros viajaram à Minas Gerais buscando elementos que compunham a arte neocolonial e por Mariano Filho que patrocinou diversos concursos de arquitetura sempre predominando a escolha de edifícios com características neocoloniais.

Segundo Fernandes (2009), o crescimento urbano e industrial nas cidades por causa da Primeira Guerra Mundial, e por causa da influência dos migrantes na sociedade nos quesitos intelectuais e técnicos, influenciou o surgimento de uma nova mentalidade na população nas áreas de artes e educação.

Kessel (2002) apresenta a Semana de Arte Moderna como um acontecimento que ocorreu entre os dias 11 a 18 de fevereiro em São Paulo no ano de 1922, assim marcando artística e intelectualmente a cultura acadêmica do Brasil. O evento aconteceu em São Paulo por já ter sido uma cidade com antecedentes de acontecimentos importantes para a arte, envolvendo artistas e intelectuais, principalmente da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, assim dispo de poesia, escultura, música, pintura e arquitetura. Além de ser conhecida como um marco para a história do país ocasionou forte impacto entre os contemporâneos e estimularam integrantes e espectadores em torno de diferentes quesitos, dentre eles estavam indagações como: que país era o nosso e que país o Brasil deveria ser.

Algumas dentre as questões que iniciaram as medidas que culminaram na Semana de Arte Moderna foram à excitação das vanguardas europeias, que eram fortes incentivos para os jovens brasileiros que viviam em busca de inovação e conhecimento, e o movimento de redescoberta e encanto pelos assuntos nacionais publicados na Revista do Brasil (KESSEL, 2002). Para Santos (2006, p. 41) antes de se dar início as críticas da vanguarda artística apresentada na semana e 22, já estava sendo expostas obras de diversos campos das expressões artísticas apresentando inúmeras inovações, entre elas a exposição de Lasar Segall em 1913, a exposição de Anita Malfatti em 1917 e o escultor Vitor Brecheret em 1920.

O espaço destinado à arquitetura restringiu-se basicamente à exposição de dois arquitetos estrangeiros domiciliados em São Paulo: o espanhol Moya e o polonês Przyrembel. Moya apresentou croquis utopistas, de aspectos geometrizarantes, mais análogos a elementos volumétricos e ornamentados do que os ditos projetos de arquitetura, que remetiam a monumentos pré-colombianos e nunca chegaram a ser executados. Dentre esses croquis apresentados estavam o “Templo”, “Túmulo”, “Residência”, Fonte, “Cariátide”, entre outros (TELLES, 1972 apud KESSEL, 2002).

No centro do saguão, rodeada por outros projetos, uma maquete de Przyrembel, conhecida como “Taperinha da Praia Grande” encontrava-se em evidência acompanhada das plantas e elevações do projeto da residência que serviria de casa de veraneio para sua família na Embaixada Santista. (KESSEL, 2002).

O movimento tinha objetivos específicos, tanto em relação ao movimento político quanto artístico, onde ambos lutavam a favor de uma mudança voltada aos ideais nacionalistas na construção de uma arte brasileira. Os modernistas tinham propostas com ações de organizar exposições, festivais e publicações na maneira de manifestos. A Semana de 22 foi um marco para a compreensão do modernismo brasileiro, que se espalha por todo o país com elementos típicos de cada região mostrando assim, as diversas culturas do modernismo brasileiro (RIBEIRO, 2007).

A semana de 22 representa a busca e a afirmação de uma nova maneira de olhar e representar o mundo e o Brasil em um contexto internacional fruto da primeira guerra (1917-1918). O final deste conflito implicou a derrota e desestruturação dos impérios auto-Húngaros, alemão, turco-otomano e russo. Essas guerras deram um grande impulso à produção industrial brasileira, esboçando pela primeira vez uma economia nacional, cujo arranque já fora acionado pelo movimento da abolição, que começou a substituir a mão-de-obra escrava pelo trabalhador assalariado (FREIRE, 2003).

Segundo Boaventura (2003), pode-se estabelecer que a chamada Semana de Arte Moderna foi apenas uma festa que: consolidou e ampliou a atuação de um grupo iniciado por volta de 1917, depois do impacto da Exposição de Anita Malfatti, visitada mais de uma vez por muitos dos envolvidos – pequeníssimo grupo este dedicado a pensar caminhos diferentes para a cultura de modo geral, tendo em vista os novos tempos, um bom exemplo disso seria a bela revista *Papel e Tinta*, 1920- 1921, com Oswald de Andrade e Menotti del Picchia na direção, e colaboradores do porte de Mário de Andrade, Guilherme de Almeida e outros; também contribuiu para deslocar o centro dos acontecimentos culturais da então capital do país para São Paulo.

Conforme Nascimento (2015), o movimento moderno da cultura brasileira iniciou com a exposição de pintura da artista Anita Malfatti em 1917. Neste mesmo ano Santos (2006, p. 40) do seu parecer a favor da busca pela arte propriamente brasileira, levando em conta a etnia portuguesa.

Entretanto, devido ao seu acontecimento ter se dado em um período de férias para os principais arquitetos da cidade, até o momento a arquitetura apresentada na Semana de Arte Moderna quase não ecoou no Rio de Janeiro, nem mesmo alcançou publicação em uma das revistas mais relevantes da época, *Revista Arquitetura no Brasil* (KESSEL, 2002).

De acordo com Xavier (1987) a arquitetura moderna no Brasil teve origem a partir dos movimentos que surgiram no pós-guerra, porém não pode ser afirmado que o movimento de 22 contribuiu com propostas que incluíssem reformas realmente necessárias para a arquitetura brasileira. O edifício do Ministério da Educação foi um marco que mostrou que a tecnologia e o concreto armado representavam arquitetonicamente o movimento no repertório formal.

Uma análise da semana de arte moderna mostra como foi marcada na história política e cultural do Brasil. Foi levantada questões como: “ Que país era o Brasil? ” e “ Que país deveria ser o Brasil? ” o que levou o público a reflexão. No saguão principal do teatro municipal, juntamente com as obras de Moya, Graz Brecheres, Rêgo Monteiro e Malfatti estava exposto a maquete de Przyrembel da “taperinha da praia grande” que compunha plantas e elevações da qual seria a residência de sua família, uma obra arquitetônica ainda com características neocoloniais mas já era possível distinguir traços do que veio a ser a arquitetura tradicional brasileira (KESSEL, 2002).

Ribeiro (2007) exemplifica os padrões que foram quebrados com a semana de 22 e aponta que:

As propostas dos modernistas podem ser sintetizadas nas seguintes ações: organizar exposições, festivais e publicações em forma de manifesto; derrubar os cânones que legitimavam a criação artística; proclamar o direito permanente à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira e o estabelecimento de uma consciência

crítica nacional. A exposição de artes plásticas e arquitetura, realizada no hall do teatro municipal, mostrou pinturas, esculturas e projetos arquitetônicos de Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Vicente do Rêgo Monteiro, Zina Aíta, Ferrignac, Yan de Almeida Prado, John Graz; Brecheret, Hidelgado Leão, Wihelm Haaburg, Antônio Moya e Georg Przyrembel. Aracy Amaral, ao comentar a exposição, realça sua heterogeneidade, referindo-se às tendências estilísticas (predominantemente pós-impressionistas) e à qualidade estética das obras. Situa as obras e adverte que o princípio norteador da escolha dos artistas participantes privilegiou aqueles que eram jovens e tinham uma orientação não acadêmica. A autora considera, ainda, que o importante para esses jovens artistas era chocar, abalar o gosto tradicional e tomar uma posição de rebeldia cultural. (RIBEIRO, 2007 p. 119)

A semana de arte moderna realizada em fevereiro de 1922 tem sua celebração a cada 10 anos nas colunas de jornais brasileiros onde são lembrados os nomes daqueles que fizeram parte do movimento e ajudaram a romper um intelecto artístico para formação do Brasil moderno (KESSEL, 2002).

2.2 ARQUITETURA MODERNA PÓS SEMANA DE 22

2.2.1 A primeira casa moderna do Brasil

Gregori Ilych Warchavchik era um ucraniano nascido na cidade de Odessa, no ano de 1896, mais tarde naturalizado brasileiro, faleceu em São Paulo, no ano de 1972. Reconhecido como um dos principais nomes da arquitetura moderna brasileira, tendo como obra de principal impacto em sua carreira aquela que foi considerada a primeira residência moderna do país (FIORE, 2002).

O arquiteto chegou ao Brasil apenas um ano após a semana de 22, dessa forma encontrando no país uma abertura de aceitação dos ideais de arquitetura moderna que ele trazia da Europa. Vendo que naquele momento São Paulo fervia com defensores de uma “nova arte” (CLARO, 2008).

Apenas quatro anos após a sua chegada no Brasil, no ano de 1927, Warchavchik começa a construir a sua própria casa (Imagem 01), na rua Santa Cruz, bairro de Vila Mariana, na cidade de São Paulo, o que viria mais tarde a ser a primeira casa moderna do Brasil. Dessa forma a residência é destituída de ornamentação e formada por volumes prismáticos brancos. A solidez de sua fachada mestra não escondia as informações da vanguarda da época, com relação a consentimentos com a realidade local. O arquiteto teve como objetivo em seu projeto a valorização da racionalidade, conforto, utilidade, ventilação e iluminação (FRACALOSSO, 2013).

Imagem 01. Primeira Casa Moderna do Brasil.



Fonte: ARCHDAILY (2013), Fotografias de Fabio Cintra.

Os participantes da semana de arte moderna de 22 comentaram sobre a casa de Warchavchik, afirmando que ela foi um sucesso, que apesar dele ter trazido elementos da arquitetura moderna europeia, o Ucrainiano fez adaptações a casa para o ambiente paulista, assim com o objetivo de romper com os elementos tradicionais da arquitetura (LIRA, 2007).

Apesar de Gregori Ilych Warchavchik ter concebido uma casa com características modernas europeias, ele fez adaptações na casa para o solo brasileiro, mesmo assim durante a sua obra o arquiteto teve muitas dificuldades na construção, por falta de materiais e mão de obra especializada no país. Entretanto é inquestionável a importância da casa para o modernismo na arquitetura brasileira, ela foi a precursora que deu incentivo aos arquitetos para novos projetos, assim criando características nacionais para a arquitetura brasileira, dessa forma, anos mais tarde é possível ver os primeiros projetos arquitetônicos com características modernas puramente brasileiras.

2.2.2 Igreja São Francisco de Assis na Pampulha

No ano de 1943, o tão prestigiado arquiteto Oscar Niemeyer inaugura a Igreja de São Francisco de Assis (Imagem 02), mais conhecida como Igreja da Pampulha, na cidade de Belo Horizonte - MG. Apesar de ser considerada uma verdadeira obra prima, essa obra foi sem dúvida a que recebeu mais críticas durante a carreira do arquiteto. Por seu estilo inovador, e por ser um patrimônio de valor público e religioso a igreja recebeu uma verdadeira avalanche de opiniões e comentários, sendo a grande maioria negativa (RUCHAUD, 2011).

O projeto da igreja faz parte do conjunto arquitetônico da Pampulha, sendo encomendado pelo prefeito da Juscelino Kubitschek (1902 – 1976). O projeto todo contou com a criação e um lago artificial, tendo em seu entorno uma série de cinco edifícios, sendo eles: Um cassino, um clube de elite, um salão de danças popular, uma igreja e um hotel, que não foi realizado. Juscelino idealizou o projeto com a intenção de modernizar a cidade, que nessa época estava em plena expansão física e populacional (CARVALHO, 2016).

Com grande rejeição inicial da população perante o estilo revolucionário e moderno da igreja de São Francisco de Assis e principalmente de autoridades religiosas, eles alegaram que ela não possuía elementos sacros religiosos, a igreja permaneceu 14 anos impedida de ter celebrações realizadas nela, não tendo o reconhecimento como igreja, apenas do estilo ousado de Niemeyer que usou do até então desconhecido modernismo brasileiro. As suas curvas representam o uso inicial e completamente revolucionário do concreto em obras religiosas. O uso do concreto armado nesta obra é a principal característica, no qual foi possível através do material grande riqueza no conceito formal, incorporando também valores e características do país. Suas curvas oferecem ao projeto um caráter mais suave e assimétrico, sendo um projeto mais flexivo. Com isso o arquiteto conseguiu explorar bem a forma e possibilidades do concreto, dessa forma trazendo para o país características da arquitetura moderna brasileira (SOUZA, 2012).

Segundo Ruchaud (2011) a igreja de São Francisco de Assis teve inspiração das igrejas Barocas, principalmente por fazer um resgate histórico da cidade de Minas Gerais. Ao mesmo tempo em que ela traz inspiração das características da cidade, a obra tem o seu destaque pela sua singularidade, por ser a primeira igreja construída no Brasil com características nacionais, relevando-se em meio a tantas obras marcantes do modernismo. A peculiaridade da obra mostrasse com o diferencial das características modernas até então utilizadas, como o não uso de janelas em fita ou de uma grande laje sobre pilotis, tornando-se um paralelo com as igrejas barrocas.

Imagem 02. Fachada principal Igreja São Francisco de Assis.



Fonte: ARCHDAILY (2012), Fotografias de Bruno do Val.

O uso de abóbadas se deu para a formação da estrutura, tornando o telhado e paredes um único elemento. A estrutura possui cinco abóbadas, as duas maiores estão empregadas na entrada e para o uso do altar, assim dando um destaque maior para ele. As três abóbadas menores estão na parte de trás da igreja, que servem de apoio. Em contraste com o conjunto, aparecem o campanário e a marquise da entrada, como elementos independentes. Niemeyer teve a colaboração do engenheiro de estruturas, e poeta, Joaquim Cardoso, do artista brasileiro Candido Portinari e o paisagista Burle Marx, que projetou os jardins exteriores. É possível notar os fortes elementos decorativos presentes nas laterais da nave principal. Toda a parede do fundo é ocupada por um mural de São Francisco pintado por Portinari, como a fachada traseira que é coberta por uma composição branca e azulejos azuis (Imagem 03). E, para chamar a atenção para o mural, o arquiteto estreita a abóboda até o altar. Um jogo de luz entre o coro iluminado e madeira escura da nave destacam o mural (SOUZA, 2012).

Imagem 03. Mosaico aos fundos da Igreja São Francisco de Assis.



Fonte: ARCHDAILY (2012), Fotografias de Bruno do Val.

Segundo Ruchaud (2011) Oscar Niemeyer faz uma releitura brilhante da arquitetura barroca brasileira, pois o interior da igreja tem vários elementos onipresentes (Imagem 04), não apenas barrocas, mas todo o patrimônio arquitetônico símbolo de Minas Gerais. O autor continua falando genialidade do arquiteto, na obra Niemeyer usa azulejos de Cândido Portinari, que além de atribuírem uma identidade moderna brasileira para a obra, é um trabalho nacional de um pintor que teve importante participação na semana de arte moderna de 1922. Tais azulejos feitos por Portinari fazem parte tanto do interior como do exterior da obra, dando identidade à igreja da Pampulha.

Imagem 04. Altar Igreja São Francisco de Assis.



Fonte: REVISTA SAGRADA (2014).

Mesmo com diversos outros trabalhos, incluindo muitas igrejas Oscar Niemeyer tem a igreja de São Francisco de Assis como projeto em destaque, por todos o seu idealismo, e significância. Sem dúvidas a igreja da Pampulha foi um marco da arquitetura brasileira, tendo importantes contribuições, como de Cândido Portinari, Alfredo Ceschiatti, Burle Marx e Paulo Werneck.

A igreja mostrou que era possível inovar a maneira de construir obras clássicas, ao mesmo tempo em que a obra teve grandes inspirações nas clássicas igrejas barrocas de Minas Gerais, ela não se parece nada com as que já tinham sido construídas, desse modo o arquiteto Oscar Niemeyer provou ser possível trazer o modernismo para o Brasil com características nacionais, assim criando uma arquitetura característica do Brasil.

Essa obra teve uma grande contribuição para as que vieram após ela, mesmo não sendo a primeira construção moderna do país ela teve uma grande repercussão, pois foi uma obra de impacto público, sendo base de inspiração para os arquitetos ousarem mais no modernismo brasileiro que começa a crescer a partir da li no Brasil.

3. METODOLOGIA

Para desenvolver o artigo, fez-se uso em livros e artigos científicos onde foram levantados dados para serem analisados e refletidos para assim serem utilizados no artigo. Segundo os autores, Amado L. Cervo e Pedro A. Bervian, o método científico quer descobrir a realidade dos fatos e esses ao serem descobertos devem, por sua vez, guiar o uso do método. Entretanto, como já foi dito, o método é apenas um meio de acesso; só a inteligência e a reflexão descobrem o que os fatos e os fenômenos realmente são.

A pesquisa tem caráter bibliográfico que segundo Ruiz (2002) se faz de extrema importância para qualquer área a ser pesquisada porque consiste na busca de produções já escritas sobre o assunto a ser tratado e, para Gil (2002) é de grande vantagem esse método de pesquisa pois é dado uma base de fundamentações teóricas que se mostram relevantes para a pesquisa.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

A semana de 22 vem o intuito de renovação no contexto artístico e cultura urbana. Sua intenção era de trazer uma nova arte para o Brasil. Durante esse período de realização do evento a cidade entrou em um “caos” cultural, onde houve o total rompimento com o passado para assim dar espaço a novas inspirações, e experiências de uma liberdade de criação.

Alguns autores concordam que a semana de arte moderna no Brasil não teve uma forte influência, pelo menos de imediato, na arquitetura moderna que deveria ser imposta no país a partir desse movimento. Infelizmente é possível afirmar que a arquitetura não foi o objeto de estudo de nenhuma das conferências que foram pivôs de discussões e movimentos mais tarde.

Arquitetos que fizeram exposições de seus trabalhos, apesar de terem um certo destaque dentro dos trabalhos referentes a arquitetura receberam diversas reclamações sobre os seus trabalhos apresentados. Essas são o Espanhol Antônio Garcia Moya e o Polonês Georg Przyrembel. Moya teve um destaque um pouco maior do que Przyrembel, entretanto suas plantas tiveram uma forte crítica por apresentarem casas coloniais “afrancesadas”, o que não mantinha nenhuma relação com o modernismo Brasileiro. Warchavchik, foi um sucesso com a primeira casa modernista no Brasil, mesmo tendo elementos da arquitetura moderna europeia.

Mas esse evento não foi totalmente dispensável para a arquitetura Brasileira, ele foi um sistema embrionário para o movimento modernista que mais tarde teve suas reações, em 1925 começaram a surgir os primeiros artigos a respeito de uma nova arquitetura Brasileira, e mais tarde a arquitetura colonial paulista passou a ser afamada como modernismo por alguns estudiosos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que a semana de arte moderna chegou ao país com a intenção de se desprender do passado e criar uma nova arte, referentes a diversos tipos de trabalhos que tivessem relação com a arte, como plásticas, escultura, música, teatro, cinema e arquitetura. Entretanto apesar de ter tido uma enorme repercussão e reflexão em várias destas áreas, principalmente nas plásticas, não teve um resultado imediato dentro da arquitetura. Apenas anos após, respingos dessa semana surtiram alguns efeitos em alguns trabalhos que começaram a surgir em prol ao modernismo brasileiro. Alguns autores justificam o fato da semana de 22 não ter tido o resultado almejado em

todas as áreas artísticas é que os arquitetos não sabiam o que era o modernismo, e muito menos o que estava acontecendo nos outros países dentro desse mesmo movimento, limitando a criação de algo que remetesse ao novo e desejado, o primeiro resultado da semana de arte moderna para a arquitetura foi apenas em 1927 com a primeira casa modernista no Brasil que mesmo assim ainda continha traços da arquitetura europeia.

REFERÊNCIAS

AJZENBERG, E. A Semana de Arte Moderna de 1922. **Revista Cultura E Extensão**. USP, v. 7, p. 25-29. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/rce/article/view/46491/50247>> acesso em 07 de maio de 2016.

BROUND, YEVES. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARVALHO, A. F. **Valorização do conjunto arquitetônico da Pampulha: Representação da identidade de Belo Horizonte**. Vitruvius, Belo Horizonte, 2016. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/16.190/6025>> acesso em 07 de agosto de 2016.

FERNANDES, D. **Representações da Semana de Arte Moderna e dos modernistas na imprensa de Porto Alegre (1922-1928)**. Monografia (Licenciatura em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FIORI, R. H. **Warchavchik e o manifesto de 1925**. ARQTEXTO, 2002. Disponível em <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_2/2_Renato%20Fiore.pdf> acesso em 07 de maio de 2016.

FRACALOSSI, I. **Clássicos da Arquitetura: Casa Modernista da Rua Santa Cruz / Gregori Warchavchik**. Archdaily, 2013. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik>> acesso em 02 de maio de 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KESSEL, Carlos. **Vanguarda efêmera: A cultura neocolonial na semana de arte moderna de 1922**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, 2002.

LIRA, J. T. C. **Ruptura e construção: Gregori Warchavchik, 1917-1927**. Novos Estudos - CEBRAP, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000200013> acesso em 04 de setembro de 2016.

NASCIMENTO, E. A Semana de Arte Moderna de 1922 e o Modernismo Brasileiro: atualização cultural e “primitivismo” artístico. **Gragoatá**. Niterói, n. 39, p. 376-391, 2. sem. 2015. Disponível

em <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/509/516>> acesso em 07 de maio de 2016.

NUNES, Benedito. **Mário de Andrade**: As enfiaturas do modernismo. Pará, p. 63-75, jul. 1982

RIBEIRO, M. A. O modernismo brasileiro: arte e política. **ArtCultura**. Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 115-125, jan.-jun. 2007.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

RUCHAUD, G. **Igreja da Pampulha: leitura de uma obra repleta de releituras históricas**. 2011. Disponível em <<http://portalarquitetonico.com.br/igreja-da-pampulha/>> acesso em 20 de agosto de 2016.

SANTOS, M. G. **Arquitetura moderna brasileira, dos pioneiros a Brasília (1925-1960)**. Curitiba, v.3, n.1, p. 37-56, 2006.

SOUZA, M. H. **Clássicos da Arquitetura: Igreja da Pampulha / Oscar Niemeyer**. Archdaily, 2012. Disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-83469/classicos-da-arquitetura-igreja-da-pampulha-slash-oscar-niemeyer>> acesso em 07 de agosto de 2016.

XAVIER, A. (Org.). **Arquitetura Moderna Brasileira: depoimento de uma geração**. São Paulo: ABEAS, FVA, 1987.

WALDMAN, T. À "frente" da Semana de Arte Moderna: a presença de Graça Aranha e Paulo Prado. Rio de Janeiro, v.23, n.45, p.71-94, 2010